

TAGUATINGA SUL / O **Correio** visitou o local, na QSE Área Especial 20, onde um prédio desabou parcialmente e, logo depois, foi demolido. Famílias que viviam no edifício contam que estão sem qualquer tipo de apoio

Minervino Júnior/CB



Fotos: Ed Alves/CB/D.A.Press



Em 6 de janeiro de 2022, parte do prédio desabou, felizmente, sem nenhum morador dentro

Em 2 de fevereiro, a construção foi demolida, por ordem da Defesa Civil, sem perícia mais detalhada

Hoje, o terreno encontra-se limpo e, segundo lojistas da região, virou ponto para uso de drogas

Cristiane Nascimento se desesperou ao ver o lugar onde morou durante nove anos ir ao chão

Um ano depois, a reconstrução

» ARTHUR DE SOUZA

ED ALVES/CB/D.A.Press



Adriana Alves perdeu tudo o que tinha no apartamento e, desempregada, está com dificuldades para comprar os itens novamente

Um barraco abandonado, entulho e muita sujeira. Foi o que sobrou do prédio que desabou parcialmente e, posteriormente, precisou ser demolido, em Taguatinga Sul. Felizmente, o fato não causou morte ou ferimentos, mas, para Cristiane Nascimento, 43 anos, que morou no edifício por nove anos, o sentimento é de que alguém morreu naquele 6 de janeiro de 2022. “A sensação de perda e impotência é muito grande”, lamenta a manicure.

Na época do desabamento, Cristiane se tornou a principal representante do grupo de 23 famílias, que perderam todos os bens materiais no desastre. Ela continua como porta-voz das vítimas atualmente e conta que todos mantêm contato. “Estamos tentando, a cada dia, nos recuperar de tudo o que aconteceu. Tem pessoas que ainda estão passando por grandes dificuldades, porque não é fácil ter que começar do zero, sem apoio nenhum”, reclama. “Estamos comprando as coisas aos poucos, pois ninguém tem dinheiro para comprar tudo de uma vez. Parcelei um monte de coisa e estou mais endividada do que nunca”, revela a ex-moradora do segundo andar do prédio.

Sobre o simbolismo da data, Cristiane Nascimento afirma que a sensação é de angústia. “Estive no local várias vezes quando estava sendo limpo (após a demolição). Fico muito triste por ter perdido tudo que batalhei para conquistar”, desabafa.

Sem estabilidade

Outra antiga moradora do prédio, Adriana Alves, 45, vive atualmente em Valparaíso de Goiás e conta que, passado um ano do

desastre, não houve qualquer tipo de assistência por parte do dono do prédio, além da hospedagem paga na semana do desabamento. “Sou de uma das famílias que ainda continuam com o processo contra ele na Justiça. A única coisa que ele fez foi oferecer R\$ 5 mil. Quem aceitou, acabou ali”, afirma.

Desempregada desde a tragédia, Adriana conta que parte da culpa pela falta de emprego tem a ver com o acontecimento.

“Um ano de muito sofrimento, porque ia começar a trabalhar em fevereiro (do ano passado), como professora. Não consegui, pois, desde o dia do desabamento, fiquei totalmente desestabilizada”, comenta. “Não consegui repor nada. As coisas que a gente ganhou de doação eram usadas, então, muita coisa não durou, tipo geladeira e máquina de lavar. Tudo que a gente perdeu dentro de um apartamento de três quartos, não é tão simples

assim de recuperar, como as pessoas pensam”, desabafa.

Outro lado

As moradoras ouvidas pelo **Correio** reclamam da falta de empatia por parte do dono do prédio, Edilson Albuquerque. Segundo Cristiane Nascimento, ele trouxe quem morava no local como pessoas sem valor. “Só tive contato com ele algumas vezes lá no prédio, antes de terminar a limpeza”,

recorda. “Fica o desgosto pelo pouco caso que o ‘seu’ Edilson teve com os moradores”, ressalta.

A reportagem visitou o local e conversou com Roque Souza, 38, dono de uma mecânica vizinha ao prédio, que também teve a estrutura afetada. Ele relatou que não era proprietário quando tudo aconteceu, mas que comprou o estabelecimento já reformado. “Sei que o dono do prédio aparece às vezes para ver, mas, desde que limpou o terreno, não fez

mais nada. O local virou ponto de uso de drogas”, denuncia.

O **Correio** procurou Edilson Albuquerque, dono do prédio, para comentar sobre o assunto. Por meio de sua assessoria, ele informou que cumpriu o acordo feito com 13 famílias que moravam no edifício. “Sobre as que decidiram entrar na Justiça, estamos aguardando posicionamento do juiz para conciliar com os moradores que não acordaram extrajudicialmente”, destacou. Em relação ao estado de abandono e utilização do terreno para consumo de drogas, a assessoria de Edilson negou a situação. “Não está abandonado. Está vazio e aguardando resolução e conciliação. Não sabemos ainda sobre o futuro do imóvel.”

O que fazer?

A tragédia acende o alerta sobre possíveis riscos que o cidadão do Distrito Federal corre. De acordo com o Ten-Cel Gabriel Motta de Carvalho, Coordenador de Operações da Defesa Civil (DCDF), qualquer trincas ou fissuras em uma estrutura de prédio deve ser investigada. “As mais perigosas são as que ocorrem em elementos estruturais como vigas, lajes, pilares e marquises”, destaca. “O principal indicativo de risco iminente de colapso estrutural em estruturas de concreto armado são os ‘estalos’, em que são ejetados partes do revestimento”, complementa.

O agente da Defesa Civil comenta que, geralmente, esse tipo de situação ocorre quando as solicitações de carga ultrapassam a resistência da estrutura. “Nessa situação, a edificação deve ser evacuada imediatamente e é necessário ligar, com urgência, para o número 193 (Corpo de Bombeiros) ou 199 (Defesa Civil)”.

FRAUDES

Polícia atrás de estelionatários

» ARTHUR DE SOUZA
» DARCIANNE DIOGO
» ISAC MASCARENHAS*

A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) investiga o paradeiro de quatro integrantes da empresa Grid Pneus, que fraudavam serviços em oficinas mecânicas. Segundo as diligências, eles enganavam clientes cobrando preços abusivos e indicando serviços desnecessários nos veículos das vítimas. A estimativa é de que 86 pessoas foram vítimas do grupo criminoso, a maioria idosos e mulheres desacompanhadas.

A polícia divulgou imagens dos integrantes de Daniela Rodrigues Dourado Aguirre de Faria, Krislian Layson de Oliveira, Maurício Lima da Silva e Valter Ferreira de Faria Júnior (marido de Daniela). As fotos foram divulgadas pela PCDF, para que eles sejam reconhecidos e denunciados pela população, por meio do 197.

Na última quarta-feira, a polícia desencadeou a segunda fase da operação, nomeada como Rota Scan, contra o grupo

suspeito de estelionato e organização criminosa. Foram expedidos sete mandados de busca e apreensão cumpridos em estabelecimentos comerciais — no Lago Norte, Asa Norte, Taguatinga e Santa Maria, e outros quatro em residências ligadas ao grupo criminoso — de acordo com o delegado da Coordenação de Repressão aos Crimes Tributária e a Fraudes (Corf/PCDF), Wislei Gustavo Mendes. Ele também afirmou que os envolvidos podem ser condenados a mais de 20 anos de prisão, cada um.

Relembra o caso

As denúncias começaram em 2021, quando clientes da Grid Pneus denunciaram que se sentiram forçados a realizar serviços que não precisavam e a pagar preços acima do valor de mercado. Após as ocorrências, a PCDF desencadeou a primeira fase da operação, junto ao Procon-DF, e interditou duas unidades da empresa nas Asas Norte e Sul.

Fotos: Divulgação/PCDF



Divulgação/PCDF



Fotos dos integrantes da quadrilha foram divulgadas

Segundo as investigações, a empresa oferecia uma série de outros serviços aos clientes alegando que o carro estava com outros problemas. Denúncias ao Procon também relataram que esses serviços

extras não eram realizados, uma vez que os veículos sequer tinham os problemas apontados. Os clientes, porém, pagavam por manutenções com preços acima do praticado no mercado.

Treinamento

Em maio do ano passado, um ex-funcionário da Grid Pneus denunciou ao **Correio** que a loja treinava os mecânicos para condenar peças de automóveis de clientes e, como recompensa, oferecia comissão. Na denúncia, o homem relatou que, mesmo se o carro for novo, ele sempre estará “destruído”. O mesmo esquema era repetido em outras lojas que os proprietários da Grid administravam pelo DF.

“Somos todos incentivados para vender, vender e vender em grupos do zap (WhatsApp), e todos sabem que é assim quem quer que façamos com o cliente, que pague tudo que conseguir, arranca deles. Só falamos em margem de lucros”, desabafou. O ex-funcionário ainda lembrou que após conseguir enganar o cliente, todos riam da situação. Por fim, o homem disse que se arrependeu de ter participado de certas situações na empresa.

Na época, o Procon e PCDF encontraram vários veículos para manutenção sem qualquer orçamento. Os fiscais ainda verificaram, por meio das notas fiscais, que as lojas aplicavam preços diferentes para o mesmo serviço, de acordo com o perfil de cada cliente — uma das notas incluía uma ordem de serviço no valor de R\$20 mil para um Celta, quase o mesmo preço do veículo.

*Estagiário sob a supervisão de Márcia Machado

OPERAÇÃO

Empresário de Renan Bolsonaro é preso

» AMANDA SALES

O empresário e influenciador digital Maciel Carvalho foi preso ontem, em Águas Claras. Principal alvo da Operação Falso Coach, deflagrada pela Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF), Maciel é investigado pelos crimes de posse e comércio ilegal de armas de fogo. De acordo com as diligências, o suspeito teria usado documentos falsos para comprar um arsenal de armas.

Com mais de 420 mil seguidores, Maciel é empresário de Jair Renan, filho do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Durante a operação, os policiais apreenderam armas de fogo, munições, aparelhos celulares, computadores e documentos diversos. Segundo a PCDF, o influenciador também é investigado por crimes como falsificação de documentos, estelionato, organização criminosa, peculato e lavagem de dinheiro.